

DEPOIS DOS PIRENEUS É A ÁFRICA

Petra Cristina Augusto*

O esforço de precisar a identidade de uma nação envolve, talvez, o conjunto de elementos fluidos e imprecisos tais quais os presentes na individualidade do sujeito, nas matizes da cor e no movimento que as palavras do poeta angolano Arlindo Barbeitos expressam: “identidade é cor de burro fugindo”. Alguns contornos de uma imagem nacional formada, a identidade portuguesa, em comparação com os contornos em formação da identidade angolana são os elementos desse estudo baseado na relação descentralizadora formada a partir da leitura de textos literários nos estudos culturais.

Na experiência histórica da década de 70, ganhou destaque, no cenário político mundial, reivindicações de caráter nacional camuflado no novo confronto mundial capitalismo *versus* comunismo – palco montado para lutas separatistas e de independência. As lutas de independência das colônias portuguesas destacaram-se por mostrar ao mundo as maiores lutas progressistas de descolonização visto ter sido, o império português, o último remanescente da dominação européia em outros continentes. A independência dos países de língua oficial portuguesa deu-se coadunada à Revolução de 25 de Abril de 1974 cujo cunho progressista tornou adotável bandeiras de descolonização. Sobretudo, a ausência do neocolonialismo português abriu oportunidade para uma disputa livre em suas ex-colônias as quais reivindicaram, não em uníssono, mas plurivocalmente, o direito à liberdade. Basta dizer do processo em Angola. A reorganização deste país foi dificultada pela existência de 3 grupos que lutaram pela independência.

Tomamos esse fato histórico, extrínseco ao literário, como um valor que corresponde a equação de que a cultura e suas respectivas formas estéticas derivam da experiência histórica. Elegemos a desimplantação do colonialismo como uma experiência histórica temática para discutir algumas questões da formação de uma identidade nacional. Especificamente, a Guerra de

* Mestranda em Letras - Teoria da Literatura - UFJF.
Orientadora: Profª Drª Maria Luiza Scher Pereira.

Descolonização em África, realça uma semelhança ambivalente entre formações culturais díspares: Portugal e África.

Boaventura Souza Santos analisa que o império português destaca-se por sua semiperficidade em relação ao eixo eurocêntrico e por sua “cultura de fronteira” a qual não têm conteúdo tem apenas forma¹. A identidade portuguesa, teoricamente estabelecida, é marcada por pilares fluidosde: semiperficidade e fronteira. Por outro lado, a identidade nacional angolana manifesta uma tentativa inicial para com o “plebicisto diário”, pacto básico na construção do coletivo, e tenta estabelecer-se como nação no momento da guerra de descolonização. Nesse regime de luta armada, defende-se e resiste ao processo de desidentificação instalado pela luta de independência política.

Ao levantarmos elementos da identidade nacional ou do imbricamento de culturas, podemos fazê-lo por meio do caminho percorrido pela ficção pois a ficção pode ser tomada como uma rede discursiva em que os elementos de sua tessitura possibilitam implantar, abalar instituir, trabalhar lugares congestionados no nosso imaginário cultural. Logo, as narrativas tornaram-se detetoras de atitudes, referências e experiências históricas as quais escritores observaram e reavivaram no contexto literário.

As narrativas do português António Lobo Antunes, *Os cus dos judas*, e do angolano António Cardoso, “O cipaio Mandombe” trem seus enredos encadeados ao momento histórico já referido - a guerra de libertação. Logo, esses textos podem iluminar o contrato cultural feito entre pessoas, grupos e universo social; contrato pelo qual as lições de identificação ou resistência nacional e/ou individual podem se evidenciar.

No texto de Lobo Antunes em 1ª pessoa, há um sujeito português angustiado, ex-combatente do exército, que retorna a Portugal após a derrota da guerra de descolonização em África. As reflexões desse eu angustiado denunciam o caráter contraditório da política da colonização que o império português buscava perpetuar. Através do enredo percebe-se a dificuldade que o sujeito encontra de identificar-se em relação ao exterior, sua nacionalidade portuguesa, e em relação a si mesmo. O narrador, em vários momentos, olha para os angolanos como primitivos e selvagens contudo olha-se também como tal por sentir-se fragmentado. Esse eu fragmentado, faz dialogar sua formação cultural europeia com os elementos da cultura angolana e, na relação amorosa com a negra Sofia, demonstra que a estranheza e incompreensão do mundo do outro tornam-se elementos instigadores para uma tentativa de assimilar o dissonante, tentar decodificar um mundo outro.

A narrativa de Lobo Antunes promove o percurso do estrangeiro no espaço do outro e traz à tona questões subjetivas e históricas: “O que fizeram de nós (portugueses) aqui”² pergunta o personagem e a resposta é que a guerra transformou o plural “nós” em muitos “eus” fragmentados e mutilados

2 ANTUNES, António Lobo. *Os cus dos judas*. Lisboa: Dom Quixote, 1986.

como ele próprio que fora vitimado por um impulso de busca em meio ao universo real da falida luta colonizadora do império português - um sujeito em busca de reterritorialização.

A narrativa de António Cardoso tem como enredo a trajetória de um cipaio termo usado para um angolano que serve no quadro policial português. O escritor reconstitui os passos da carreira de um cipaio desde a motivação que o impulsiona a preencher esse papel, passando pelo ritual violento de iniciação e descrevendo os momentos embaraçosos presentes na paradoxal função de ser instrumento de ação contra os próprios patricios. Mandombe, nome próprio do personagem, retrata a condição conflituosa e climática instaurada pelo momento histórico; o personagem perde sua identidade cultural nacional (que em verdade, ainda não existia) ao ter de fazer uma escolha entre ser um soldado português ou ser somente angolano. A guerra de descolonização mostrara a Mandombe o painel político de angústia e desolação e a perda de referenciais, ele tentara conhecer a identidade ou cultura do outro e localizar-se a partir dela, contudo nesse processo perdera a si mesmo "Regressar ao povo já não mais queria"³ - um sujeito que se desterritorializa.

Portanto, o momento histórico comum a ambos os sujeitos traz a tona questões identitárias discutíveis a partir das escolhas afetivas individuais de cada um. O narrador em 1ª pessoa de António Lobo Antunes, corporificado segundo Stanzel, evidencia o questionamento de um homem que sabe a qual nação pertence porém vê a hegemonia de seu império fragilizada; e, evidenciado no personagem Mandombe está o dilaceramento do sujeito frente às imposições do rumo político da história de sua futura nação. Ambas as narrativas complementam-se ao exemplificarem que textos são possibilidades de iluminação de cantos e recantos outrora obscuros. Depreender a formação cultural de um povo por meio de textos ficcionais é tomar o literário como cerne do que dizem os exploradores e romancistas acerca das regiões estranhas do mundo e o presente trabalho desenvolveu em linhas mais aprofundadas esse contrato cultural nação/narração.

3 ANTÓNIO, Cardoso "O cipaio Mandombe" in: SANTILLI, Maria Aparecida. *Estórias Afircanas* São Paulo: Ática, 1985.

